

CLOVIS ULTRAMARI

COMO  
**NÃO**  
FAZER UMA TESE

PUCPRESS 

Curitiba, 2016

© 2016, Clóvis Ultramarí  
© 2016, Editora da Universidade Estadual da Paraíba (Eduebp)  
© 2016, Livraria da Física  
© 2016, PUCPRes

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Prof. Antônio Guedes Rangel Júnior – Reitor  
Prof. José Etham de Lucena Barbosa – Vice-Reitor

**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Diretor: Luciano do Nascimento Silva  
Diretor Adjunto: Antonio Roberto Faustino da Costa

**Conselho Científico**

Alberto Soares Melo  
Cidoval Moraes de Sousa  
Hermes Magalhães Tavares  
José Esteban Castro  
José Etham de Lucena Barbosa  
José Tavares de Sousa  
Marcionila Fernandes  
Olival Freire Jr  
Roberto Mauro Cortez Motta  
Editores Assistentes  
Arão de Azevedo Souza

**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Rua Baraúnas, 351 – Bairro Universitário – Campina Grande (PB)  
CEP 58429-500 – Tel. (83) 3315-3381  
eduepb@uepb.edu.br  
eduepb.uepb.edu.br

**Editora Livraria da Física**

Diretor: José Roberto Marinho

**Editora da Livraria da Física**

Rua Enéas Luis Carlos Barbanti, 193 – Freguesia do Ó  
São Paulo (SP) – CEP 02911-000 – Tel. (11) 3459-4323  
livrariadafisica.com.br

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**

Waldemiro Gremiski – Reitor  
Paulo Otávio Mussi Augusto – Vice-Reitor  
Paula Cristina Trevilatto – Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

**Editora Universitária Champagnat / PUCPRes**

Coordenação editorial: Michele Marcos de Oliveira  
Editor: Marcelo Manduca  
Editora de Arte: Solange Freitas de Melo Eschippo  
Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali e Solange Freitas de Melo Eschippo  
Diagramação: Gustavo Barreiros Slomecki

**Conselho Editorial**

Auristela Duarte de Lima Moser  
Cilene da Silva Gomes Ribeiro  
Eduardo Biacchi Gomes  
Evelyn de Almeida Orlando  
Jaime Ramos  
Léo Peruzzo Júnior  
Lorete Maria da S. Kotze  
Rodrigo Moraes da Silveira  
Ruy Inácio Neiva de Carvalho  
Vilmar Rodrigues Moreira  
Zanei Ramos Barcellos

**Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração  
6º andar – Câmpus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba (PR)  
Tel. (41) 3271-1701  
editora.champagnat@pucpr.br  
editorachampagnat.pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

U47 Ultramarí, Clóvis  
2016 Como não fazer uma tese / Clóvis Ultramarí. – Curitiba : PUCPRes, 2016.  
152 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografias  
ISBN 978-85-68324-25-7 – PUCPRes  
ISBN 978-85-7879-295-4 – Eduebp  
ISBN 978-85-7861-397-6 – Livraria da Física

1. Redação técnica. 2. Teses. 3. Pesquisa. I. Título.

CDD 20. ed. – 808.066

# Nota

Este livro intenciona contribuir para a realização de dissertações e teses, sobretudo nas áreas onde a palavra conta mais que o laboratório, a imagem ou a matemática e afins. Ao longo do texto, adota-se a palavra tese, apenas, significando ambas as possibilidades. Seu conteúdo resulta de experiência em classe de mestrado e doutorado, assim como na orientação a pesquisas diversas. O texto aqui apresentado é intencionalmente curto, visando não se constituir em mais um fardo à extensa bibliografia que aos orientandos é indicada. Outra intenção deste trabalho é a de ser uma leitura externa — estrangeira — àquilo que se entende como de interesse precípua do orientando e diretamente relacionado ao seu campo de estudo: uma certa leitura que cada vez mais desaparece da formação dos novos acadêmicos, sempre no caminho de uma especialização cada vez mais tecnicista.

A maior fonte de material utilizada para sua realização foi buscada na realização de uma disciplina e que contou com o objetivo precípua de debater a elaboração de uma pesquisa e de desenvolver uma tese. A escolha dos temas discutidos (capítulos) segue passos empreendidos pelos orientandos: ingresso no

programa de pesquisa, seleção do orientador, escolha temática, leituras, elaboração dos textos, defesa. O perfil adotado do texto é informal, irônico e prioriza visões particulares do autor. O livro ressalta a importância da forma e do conteúdo de uma tese, porém não reproduz manuais que destacam, com validade, a importância do apego às normas científicas de publicação. É constante a defesa de que tão importante quanto a pesquisa propriamente dita é a capacidade de se expressar textualmente, sobretudo a respeito da escolha metodológica. O público com interesse neste livro é, prioritariamente, o dos candidatos a mestre ou a doutor e o dos professores orientadores. O pressuposto aqui adotado é que escrever uma tese é divertido, ou melhor, deve sê-lo. Vale-se, pois, da lembrança da resposta ao jovem e ensimesmado Tomasi di Lampedusa (2007), autor do conhecido **Il Gattopardo**, o qual respondeu aos intrigados familiares que lhe perguntavam o que ele estava fazendo ao escrever o dia todo: “Estou me divertindo”, teria dito o italiano.

# Prefácio

## Canteiros no rodapé

*Destrua este diário*, o livro descartável criado pela ilustradora canadense Keri Smith, não vai entrar para o cânone universal. A não ser que o Harold Bloom tenha uma febre da selva – o que Deus não permita. Convenhamos, a ideia de criar uma obra para ser rasgada e atirada da escada, depois de ganhar uma ducha, deve ser levada tão a sério quanto um desses títulos para colorir. Ambos estão à venda numa gôndola perto de você, ao lado do chiclé de bola, o que diz muito sobre eles.

Mas alto lá. Keri propõe uma experiência lúdica, seguida de um atentado contra a aura de um objeto. Bacana. No *teleprompter*, se houvesse, estaria escrito que quem trabalha no mercado editorial precisa comer. Justo. Seria pouco. Repare que a brincadeira da autora tem a ver com Duchamp, Warhol, com os iconoclastas medievais. Eis o ponto que nos leva de Keri a Ultramari, bem a gosto dessa hiperativa era dos excessos. Tem seu lado bom – a ele.

A iconoclastia é uma velha senhora de cinta liga. Entrou na moda, digamos, no século 8 da era cristã, sem nunca mais deixar de fazer cabeças. Alguém, afinal, tem de pôr bigodes na Monalisa, sob o risco de que, tolinhos, nos ajoelhemos diante dela. Em *Como não fazer uma tese*, o arquiteto e urbanista (e viajante) Clovis Ultramari se

revela um Duchamp pichando a Gioconda, uma Keri Smith prestes a mandar teses pelos ares ou condená-las a uma ducha – para ver o que sobra depois disso. Se você teve vontade de fazer isso antes dele e não fez, meus sentimentos.

Penso que os leitores do ensaio que Ultramari aqui publica são adultos à beira de um ataque de nervos, pobres mortais sujeitos aos efeitos colaterais provocados pela palavra “tese”, nas suas diversas variações para o tema. Ainda que em segredo, planejaram alguma vez fazer picadinho de sumário. Ou estiveram perto de riscar o fósforo, pondo a perder citação por citação, regra por regra da ABNT, tudo celebrado com danças a Baal.

Sem exagero, pesquisas acadêmicas de fôlego – estejam em gestação ou empacadas no brejo das citações longas – mexem com o juízo do cidadão, pondo em ebulição toda sorte de transtornos adormecidos. Nessa hora, somos todos TDHs. Uma pesquisa de doutorado é daqueles eventos como o casamento, a formatura ou a aposentadoria – divide a história da gente em antes e depois, sempre com algum prejuízo. Separações? Vale uma estatística. Seu status de especiaria rara, a torna sagrada. Produz candidatos em série à chamada “escravidão pela tese” – expressão em vias de ser explorada pela psiquiatria.

Pois seus problemas acabaram. A esses escravizados, Ultramari fala ao ouvido, quase uma confidência, tendo a gentileza de não ocultar os próprios achaques, imperceptíveis debaixo de sua conhecida elegância. Não pede calma, não oferece o amparo da racionalidade, nem pílulas de sabedoria, tampouco receitas de chás. Ao contrário, sugere que o leitor deve sim se livrar da pilha de papel, ou de parte dela, deletar milhares de caracteres e até mesmo “matar” o bom aluno [interior] que o impede de fazer algo que preste. Seu ensaio é iconoclasta – uma atitude necessária para que o mundo ganhe mais e melhores teses, teses que nasçam de corpos felizes, febris, no auge de sua potência intelectual.

Em tempo. Não o tomem por um atiçador de insanidades, uma péssima companhia, ao malvado da banca. O que nos oferece é bálsamo – a começar por suas inspirações, que conosco partilha. *Como não fazer uma tese* é parente dos ensaios de Montaigne, das diabruras de Voltaire. Na estante, merece ficar ao lado do essencial *Filosofia da ciência*, de Rubem Alves, e de *Como se faz uma Tese*, de Umberto Eco, livro do qual é parente próximo. Invoca-o no título, mas desdiz duas máximas que fizeram a fama desse pequeno trabalho do semiólogo italiano: 1) a de que a tese é como um porco – do qual todas as partes podem ser aproveitadas. Mentira da grossa. 2) E de que o orientando deve se proteger do orientador. Ultramari mostra que a recíproca é verdadeira e faz justiça à centena de milhares de professores que foram aos infernos, carregados por doutorandos sem piedade.

As virtudes desse trabalho não se encerram aqui. O autor nos coloca de braço dado com Eco, mas sobretudo se revela ele mesmo uma boa conversa, que é tudo o que se espera de um livro. Dá-se a conhecer, ele, um exorcista de *sabichonices*. Não se alinha aos orientadores tecnicistas, restritos à rebimboca da parafuseta, aos casados com um grupelho de autores que cabem numa Kombi, aos que fazem cara de “Medusa” de Caravaggio, sei lá, só porque o aluno quer ler Richard Sennett ou citar a Mafalda ao lado de Sua Santidade Bakhtin.

Honesto qual o quê, informa que seu livro nasce da experiência acumulada na vigília ao lado de dezenas de orientados. Chama sua lista de dicas de “cordel de avisos”. Bingo. Graças a essa publicação, agora sabemos que, qual um romântico sentado na praça com bloquinho e caneta, Ultramari anota suas impressões sobre esse ritual experimentado por pouquíssimos – a elaboração e a defesa de uma tese. Sabe-se que é tarefa de risco, que pode levar muitos à overdose de Fluoxetina ou a lugar para o CVV. Agora, tomara, não mais.

Me permitam um recuo da bateria. A leitura de *Como não fazer uma tese* me fez lembrar um depoimento do respeitável endocri-

nologista infantil Romolo Sandrini, da UFPR, anos atrás. Contou que ao fazer seleções para residência médica considerava, claro, as notas, mas sobretudo o que os recém-formados faziam nas horas vagas. Não que buscasse apenas os dotados de verniz cultural. Desejava pessoas capazes de entender que a cultura elaborada é um caminho para entender o cotidiano, o outro, as paixões. Gente capaz de sacar que *Madame Bovary* não se resume a um clássico obrigatório aos ilustrados, mas que se vissem em Emma – a mulher adúltera e insatisfeita somos nós.

Penso que Ultramar é o residente que Sandrini buscava. O interessado que se aventura pela centena de páginas que seguem há de encontrar raras menções a autoridades em normas científicas, sem desmerecê-las, e fartas evidências de que a voz que ali se ouve é a de um leitor apaixonado, redator de *commonplace books*, um sujeito que provoca epifanias com frases pinçadas de um grande autor que cita como um qualquer. Dá-nos intimidade – é tudo o que precisamos para escrever uma tese. Sugere um contrato entre os dois seres unidos por uma hipótese, à espera de um final, sei lá, *Casablanca*. Que tal “com quem Ilse Lund fica?”

A novidade? Os livros e autores que o orientador Ultramar amou encurtam distâncias. Servem-lhe de senha para tratar de tudo o que machuca os calos. Ajudam pacas. Se alguém acha que a literatura não ajuda a descascar uma tese, vai mudar de ideia na próxima página. As letras são uma mão na roda da ciência. Ultramar acompanha o leitor pelos labirintos da pesquisa, falando-lhe de Cervantes, de Edward Albee, de gente pouco familiar, mas que ficamos doidos para conhecer. Manuais e normas técnicas deveriam condecorar o autor, por cultivar canteiros em notas de rodapé.

José Carlos Fernandes\*

---

\* José Carlos Fernandes é jornalista na Gazeta do Povo desde 1989 e professor universitário a partir de 1998. Trabalha no curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPR. Estuda leitura.

# A minha dedicatória

Dedico este trabalho ao aluno que não tive.

As ironias, as lembranças ruins e os momentos *kafka-nianos* aqui relatados têm uma função ilustrativa, pedagógica mesmo; nada além disso. Não se trata, aviso, de um processo de expurgo de professor e orientador desaventurado, desapontado, que cambaleia entre uma leitura de texto de aluno de modo uma hora entristecido, e, outra, entediado. A ironia, o deboche e o desespero na relação aluno/professor constituem tão somente um meio para deixar minha ideia mais precisa.

Não me proponho a fazer um manual, mas sim um cordel de avisos que, para serem lidos, precisam chamar a atenção. A mensagem aqui apresentada é a de uma vivência, claro, e depois filtrada por meio de uma mirada no interior de um caleidoscópio, para então ser relatada em forma inversa. Ninguém que tenha vivido momentos acadêmicos comigo se encontrará no presente relato. Não procurem se localizar nestas páginas, desperdiçarão seu tempo. Mas, com certeza, vocês estão por aqui.

O manual para uma boa tese pode ser transvestido em anti-herói, à moda de um Raskólnikov<sup>1</sup> em seu inverno e verão

---

<sup>1</sup> Rodión Románovich Raskólnikov, protagonista de Crime e Castigo, de Feódor Dostoiévski (2001, primeira edição 1866).

de São Petersburgo, convivendo com a imagem do crime que realizou, de um Leopold Bloom<sup>2</sup>, em suas dezoito horas perambulantes em Dublin, ou um Macunaíma<sup>3</sup>, em suas suspensões do tempo sobre um galho de árvore no país Brasil. Esse travestir, próximo em som e significado de transgredir, resulta de uma postura propositadamente debochada, até mesmo cínica, jamais consequência da postura de um aluno ou colega que me tenha desencorajado. O ambiente que uso para alimentar o presente trabalho me é rico em ideias e carinhoso em relações, uma dádiva profissional e pessoal que há muito tenho o privilégio de receber. No bizarro amálgama das personagens de Dostoiévski, James Joyce e Mário de Andrade, a imagem de algo inacabado, incômodo, mas que nos atrai intensamente, ainda que seja para confirmar que somos distintos ou para deles nos diferenciarmos.

Com todas essas introdutórias, Macunaíma, maroto, tal como dissera ao nascer, já nos teria chamado a atenção, dizendo: “Ai que preguiça!”.

Das lembranças que utilizei para escrever esse livro curto, ressaltam momentos de máxima satisfação; quem sabe, devido a um enxergar o mundo descaradamente poliano. Ao final de **Os moedeiros falsos**<sup>4</sup>, André Gide (1977, primeira edição 1925) sugere que nos desfaçamos do seu livro e comecemos a viver. Outros autores com menor viço sugeriram algo parecido. Por serem, na quase totalidade, protocolares e formuladas por meio de frases que reproduzem aquilo ensinado em manuais de elaboração de documentos cientí-

---

<sup>2</sup> Personagem central de *Ulisses*, de James Joyce (2012, primeira edição 1922), o qual se desenvolve em aproximadamente 18 horas pelas ruas de Dublin, Irlanda.

<sup>3</sup> *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, título e personagem principal do romance de Mário de Andrade (2013, primeira edição 1928): herói sem caráter, mentiroso, que se deslumbra por São Paulo.

<sup>4</sup> *Le Journal des Faux-Monnayeurs*, no original.

ficos, as dedicatórias perdem seus significados. Servem tão somente para o deleite provinciano dos familiares e para um exercício de caça palavras da parte dos amigos e colegas de quem escreve uma tese: o orientador a lê buscando qual dos seus perfis foi enaltecido, acreditando poder se conhecer por meio da observação de outrem; os demais professores seguem a mesma busca, mas também a confirmação de que aquilo que por ventura tenham repassado ao orientando de forma menos compromissada, algumas vezes, em corredores, o tenha efetivamente influenciado; aos funcionários do programa de pós-graduação interessa saber se as suas simpatias e eficiências burocráticas foram identificadas. Todavia, o texto dedicatório quase sempre os decepciona, ofertando uma triste mesmice e atestando uma prepotente afirmação de missão cumprida: “..... A busca pelo conhecimento é incansável. Em alguns momentos parece mesmo ser interminável .... Agradeço aos meus mestres que abreviaram essa árdua tarefa ... A eles, meu eterno agradecimento! ...”. Sempre perco um tempo prazeroso em tentar adivinhar se o autor da dedicatória utilizou deliberadamente a distância do nome do homenageado do daquele considerado ser supremo ou a Sua posição à direita ou à esquerda como algo que revele hierarquia do agradecimento. “Agradeço antes de tudo a Deus, mestre maior, de quem tudo recebi e a quem tudo devo! Agradeço a todos os colegas de aula, companheiros das horas difíceis e de quem pude desfrutar de um convívio fraternal! A todos o meu muito obrigado eterno!!!”

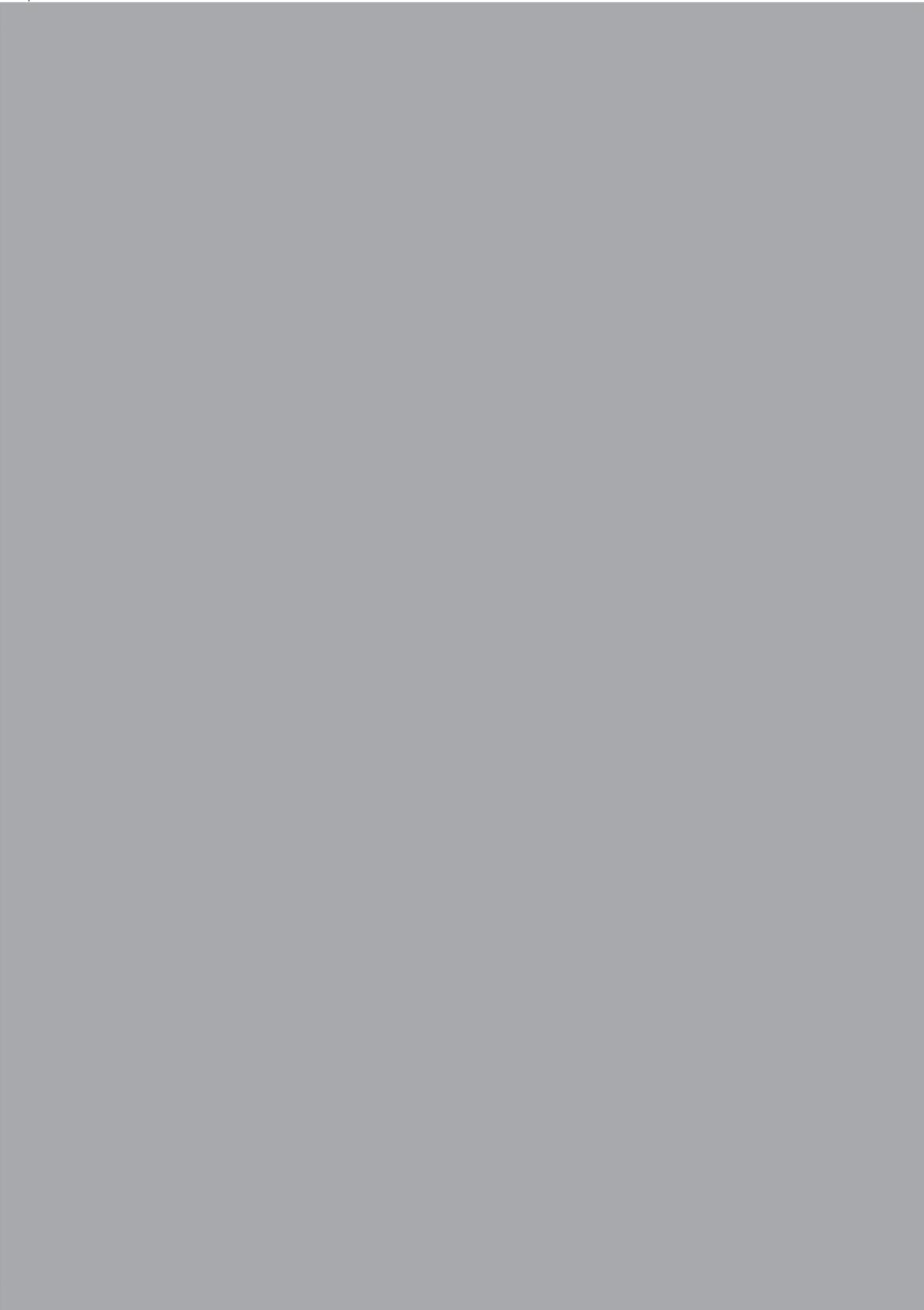
Minha proposta aqui é que, caso tenham paixão, mas paradoxalmente também a fórmula para o difícil exercício da ponderação analítica, quando da pesquisa que irão fazer, é que se livrem desde já, ainda no começo, deste livro. Talvez vocês não necessitem dele.

O importante, nesta dedicatória é, então, reiterar meu prazer pelos alunos que tive; mas é para alguns daqueles que não tive que dedico e indico este livro.



# Sumário

1. Com medo do orientando .....	15
2. Dedicatória .....	27
3. A escolha do orientador .....	33
4. Clareza, simplicidade, concisão .....	39
5. Dos textos turvos e do Corvo .....	57
6. Quem é o leitor? .....	67
7. Autoajuda .....	73
8. Originalidades e hipóteses .....	87
9. O tempo atropelado .....	95
10. Dois tipos de tese .....	101
11. O bom e o ruim orientando .....	105
12. Da ordem das coisas .....	111
13. Uma digressão com <i>Shiva</i> .....	117
14. Muita leitura enlouquece .....	123
15. A responsabilidade do orientador .....	131
16. Na banca .....	135
17. Considerações finais .....	145
Referências .....	149



# 1

## Com medo do orientando

Eu estou a trezentos metros do portão da universidade; mais uns outros trezentos no interior do campus seguidos de quatro andares que me levam a minha sala de professor orientador, onde havia marcado uma assessoria com aluno orientando. Ainda tenho tempo para preparar o raciocínio sobre o que havia lido e, o que é verdadeiramente extenuante, neste caso, preparar a maneira de expor minhas recomendações. A leitura que fiz era a de um material construído visivelmente com sofrimento e lentidão, como o de um autor desterrado obrigado a registrar seu pesadelo, porém sem a habilidade necessária. Pronto, já me veio à cabeça a ideia de um sofrimento sem excelência criativa e de expressão. Desvio o meu pensamento e sigo o caminho. A solução que ensaio adotar no curto percurso, antes de chegar à minha sala: melhor restringir comentários, reduzir referências, identificando e valorizando o que de bom teria sido possível observar.

De um ponto de vista literário, poderei relacionar a situação com duas observações de autores respeitáveis, uma do século XIX e outra dos anos noventa, já do século XX.

A primeira é bastante conhecida, quase banal, eu mesmo já a usei uma meia dezena de vezes. Gustave Flaubert, como sabemos, no enfrentamento às insistentes demonstrações de curiosidade a respeito de quem seria a Madame Bovary, responde simplesmente que era ele mesmo: “*Madame Bovary, c’est moi*”. Claro, a vida da mulher adúltera, Emma, nada tem de concretamente similar com a vida do homem Flaubert. Essa primeira relação poderá confundir ainda mais o entendimento que o aluno deve ter para continuar sua pesquisa. Os 30 e poucos anos de Flaubert (se o chamo de Gustave, sei que vou parecer querer demonstrar uma intimidade intelectual que não tenho e, para a desejada tranquilidade do aluno, melhor restar na impessoalidade) é que construíram, passo a passo, os sonhos e as realizações da personagem principal desse livro, como em qualquer outro que tenha alguma consistência, eu sei. Com essa referência ficaria límpida a imagem de um candidato a doutor, cuja experiência mais pretérita não o qualifica como um escritor que não sofre ao editar suas laudas. Esse raciocínio não é produtivo; ao contrário, estabelece um não-retorno, não é possível refazer o passado do orientando. Ironicamente, na avalanche de ideias que busco enquanto caminho ao longo da calçada que encurta, penso como esse fato seria revelado na Dedicatória, num imenso obrigado a Ele.

Esqueço Flaubert e concluo que é melhor então aquela segunda referência que me venho à memória: a introdução de **Three Tall Women**, de Edward Albee (isso, o mesmo de **Who’s afraid of Virginia Woolf?**), com referências mais contemporâneas ao meu orientando. Albee, ao sofrer as insistências e frívolas perguntas sobre quanto tempo demora para escrever uma peça de teatro, ele responde que é a vida toda. Meu deus! mas isso me leva ao mesmo não-retorno que rejeitei minutos atrás. Com essa

referência eu também pouco contribuiria; ao contrário, daria um tapa decisivo de misericórdia. Citar Edward Albee, certamente um desconhecido a mais para o orientando, tal qual como a difundida resposta de Flaubert, constituiria um comentário meramente agressivo, desanimador ao ouvido de meu interlocutor. Lembrar dessas coisas e sintetizar o raciocínio nesta curta distância de espaço e de tempo até minha sala não é fácil.

Entretanto, tenho um lapso derrotista e tudo fica claro para mim: essa tese não tem conserto! Se o passado desse meu orientando é inconsistente, pouco posso ajudar como orientador. Pior, nem dizer isso posso. Se disser, para ser honesto, teria de pensar também no meu e isso tudo iria longe demais. Melhor então - retorno à decisão anterior - é falar pouco. Porém, como temos tempo até a defesa final, alguma visão mais crítica em relação às coisas que o orientando leu ainda é possível de se agregar. Isso, cito os dois autores, de uma maneira gentil e ainda explico, com sinceridade, a importância do tempo pretérito. Basta isso! Meu desejo é ser simples, e então as probabilidades de ser compreendido serão ampliadas. Verbalizarei o que acho em *haikais*. Minha ameaça máxima será um “Quem não lê, não escreve”. Claro, o orientando conhece esse ditado. Pronto, estaria dito. O óbvio recorrente que sabemos desde a primeira redação na escola primária, quando, ironicamente, nem ler corretamente sabíamos. Mas isso eu poderia ter observado quando o selecionamos como aluno entre outros tantos. Mas a opção pela simplicidade não é possível, tenho mesmo de sofisticar meu próprio raciocínio, e lá se vão desperdiçados o tal do Flaubert e o tal do Albee.

Lembro agora que quando esse aluno me procurou para ser seu orientador, ele mencionara estar desiludido com um outro colega meu que lhe havia prometido orientação. À época ele atestara para mim que os desejos de pesquisa eram outros.

Eu acreditei. Claro, ele chegou a mim como envolvido em desespero, submerso em confusões, sem rumo, presa fácil para qualquer outra sugestão de encaminhamento acadêmico. Encaminhamento que diz respeito ao uso de seu tempo pessoal, a procedimentos de leituras, de pesquisa e de escrita. Eu não pude recusá-lo. Passados 10 minutos de meu aceite, o arrependimento me assolou, mas era tarde. De qualquer modo, me diverti em relacionar esta situação com o texto deslocado de Dario Fo (2004), em que um coelho pede ajuda a um besouro para se proteger de uma águia, no seu conto *The Dung Beetle*.

One day he [o besouro] was happily rolling a large ball that had dug up during his research when he was startled by a desperate shout. It was the shout of a rabbit, distraught and out of breath, who threw itself down on its knees and begged.

Help me! Help me!

What's wrong?

There's a horrible shadow overhead ... it's an eagle who wants to snatch me up, kill me, and eat me! I need someone to protect me! I've looked everywhere, but there is no one who can save me. You're the only one who can protect me.

You've got to be kidding. I am the lowest creature on the earth and you can come asking me for protection? (p. 41)<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Do original em italiano, na mesma publicação: Io Protettore io? Ma io so l'ultima creatura de lu mónno! Tu me cojóna? No, io te respècto, stercuràrio! Bacio le mani! Io te annòmino devànti a Dio, tu si protettore mio! E abbàsta accusi! (p. 146).

Mesmo não tendo relatado essa possível comparação entre eu e meu novo orientando com o zoológico do absurdo de Fo, ainda me divirto ao lembrar disso. O desesperado aluno-coelho pede ajuda a um surpreendido orientador-besouro. Hoje, ainda, me divirto com essa comparação, mas a verdade é que me asfixio nas gargalhadas. Se a tivesse expressado ao recém-acolhido orientando.

Flaubert e Albee aterrissam e taxiam novamente no espaço de meus pensamentos confusos e medrosos. Mas é mesmo necessária uma vida inteira para escrever uma tese? Essa poderia ser uma pergunta produzida pelo alto grau de espanto do aluno. Se ele levanta essa dúvida, ele passa para o comando da situação, e serei obrigado a lhe dar crédito. Uma tese não vale uma vida. Bom, mas não era isso que queria dizer; queria dizer que uma vida produz uma tese, apenas. Todavia, impossível não dizer que sem passado não se tem material para escrever nada. Já havia dito isso também a alunos do curso de graduação, claro, com menor índice de compreensão por parte do interlocutor, em princípio interessado. Dizer isso significa assustar o aluno e enfraquecê-lo diante das demandas hercúleas que se lhe apresentarão a seguir. Não gostaria jamais de ouvir um sussurro literário, mas irônico: Querido [sic] orientador: você me perguntou recentemente porque eu afirmo ter medo de você, numa referência ao universo *kafkaniano*, em **Carta ao Pai** (Kafka, 1986, p. 6, original de 1919). Nesta carta jamais enviada ao Sr. Hermann, o filho se refere ao pai como um tirano, um Deus que o julgava por matrimônios malsucedidos, salário baixo e uma tentativa literária que não evoluía.

Tu me perguntaste recentemente por que afirmo ter medo de ti, eu não soube, como de costume, o que te responder, em parte justamente pelo medo que tenho de ti, em parte porque existem tantos detalhes na justificativa desse medo que eu não poderia reuni-los no ato de falar de modo mais ou menos coerente. E se procuro responder-te por escrito, não deixaria de ser de modo incompleto, porque, também no ato de escrever o medo e a sua consequência me atrapalham diante de ti e porque a grandeza do tema ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento. (p. 6)

Estou indo muito longe com tudo isso. Corro o risco de ser réu, acusado pelo orientando e por minha consciência. Já não sei se na minha referência quem escreveria ao pai é orientando ou sou eu. Tento esquecer Kafka, caso contrário, minha relação com este orientando passa a ser de medo. Acabei falando demais. Tanto falei e pouco ele entendeu. Tanto falei e ele não percebeu que senti medo de não ser claro, de não ser lógico, de ser ameaçador quando deveria ser atencioso.

O problema com este orientando foi o de escolher, para uma pesquisa de doutoramento, um tema que nunca lhe havia sido familiar. Estavam aí os riscos do deslumbre de muitos alunos em pesquisar temas que lhe são absolutamente novos. Tarefa difícil a minha de repassar essas observações de cautela. Mas, então, tenho de sugerir que nos mantenhamos na mesmice de um tema que já pode nos ter cansado? Não tenho certeza disso, mas se for para navegar por águas mais seguras, melhor repetir um velho tema na tese que arriscar